

O EXPLORATÓRIO — Referencial da qualidade em Educação-Cultura através das Artes Visuais

ELISABETE OLIVEIRA

Conselho editorial

Resumo: Analisa-se o evoluir curricular em Educação Visual desde os anos 40 em interacção cultural-educacional. Após desenvolvimento de um Exploratório-piloto de projectos escolares inovadores, caracterizam-se projectos da presente década, como referencial para a auto-eco-compatibilização do currículo, práticas escolares e formação de professores — com qualidade e comparatividade internacional. **Palavras chave:** arte-educação / currículo / eco-investigação-acção / exploratório / formação de professores.

Title: *The EXPLORATORY: A quality referential in Education-Culture through the Visual Arts*

Abstract: *Visual Education curriculum since the '40s is analysed in a cultural-educational interaction. After the development of a pilot-Exploratory of innovating school projects, present decade projects are characterized, as a referential for self-eco-compatibilization of the curriculum, school practice and teacher education — with quality and international comparativeness.*

Keywords: *art-education / curriculum / eco-action-research / exploratory / teacher education.*

Introdução

O nosso âmbito de investigação incidiu prioritariamente sobre a educação (estética) visual — Educação Visual — para o 3º Ciclo Básico e o Ensino Secundário (idades: 12-18), preocupando-nos especialmente a formação garantida a todos, ao terminarem a escolaridade obrigatória. Na formação dos actores Educacionais em Artes Visuais — professores, investigadores e outros parceiros culturais —, a nossa longa e intensa investigação-acção resultou na compreensão de ser necessário formar-se um referencial da qualidade possível, para se poder orientar e valorar os projectos escolares em emergência. Referiremos as duas questões prévias que requereram investigação, na busca desse referencial:

- A que alcance actual de desenvolvimento integral (capacidades e competências dos alunos) conduziu o evolver curricular?
- Que desenvolvimento estético-integral é possível aos jovens, integrando as suas experiências em expressão não-condicionada, design e apreciação visual?

Verificámos, pela análise de conteúdo às representações dos alunos sobre a experiência prosseguida, em duas turmas de 1977/78, primeiro ano da Arte/Design (9º ano), e em inquérito postal de 1982 (50% de respondentes), que os projectos nas Unidades Didácticas poderiam atingir e ser orientados em 3 dimensões / funções:

- Material / Tecnológica,
- Social / Comunicativa,
- Ontológica / De-organização-de-vida.

Com os formandos foi possível operacionalizar a valoração do processo de desenvolvimento dos alunos e sua resultante, chegando-se aos parâmetros: conhecer + fazer + ser = viver; e com adaptação à tipologia dominante, a cada projecto (Expressão-não condicionada, Design, Geometrias, História de Arte, Tecnologias...). Concluimos da importância de o conhecimento ser em auto-eco-compatibilização, em actualização sustentada: a cada questionamento; entre os trabalhos resultantes de cada Unidade Didáctica; e entre os projectos inovadores emergentes. Nesta base, em 2004/5 defendemos o primeiro Exploratório-Piloto em Tese de Doutoramento (Fac. Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa), seleccionando 152 projectos desde os anos 40 — que actualizámos para 200 Fichas em 2010/11, em CD (Oliveira, 2010); e passamos à tentativa de que se torne sistemático.

1. Períodos da Educação Visual desde os anos 40 em interacção cultural

Nesta comunicação apresentamos um Construto (Quadro 1) em que interpretamos os âmbitos interaccionais em que os períodos curriculares e os projectos em Educação Visual recolhidos diversificadamente no país e incluídos no Exploratório-piloto, terão evolvido; e, no capítulo 2, incidiremos na tipificação dos Projectos mais inovadores que conseguimos localizar na presente década, em âmbitos de exploração: não se trata de *modelos* a reproduzir, mas de um referencial para a qualidade e não retrocesso; e de uma base para comparatividade internacional. Sem defender uma linearidade ou determinismo de percurso, verificamos que o trabalho do aluno terá transitado do *exercício* ao *trabalho de*

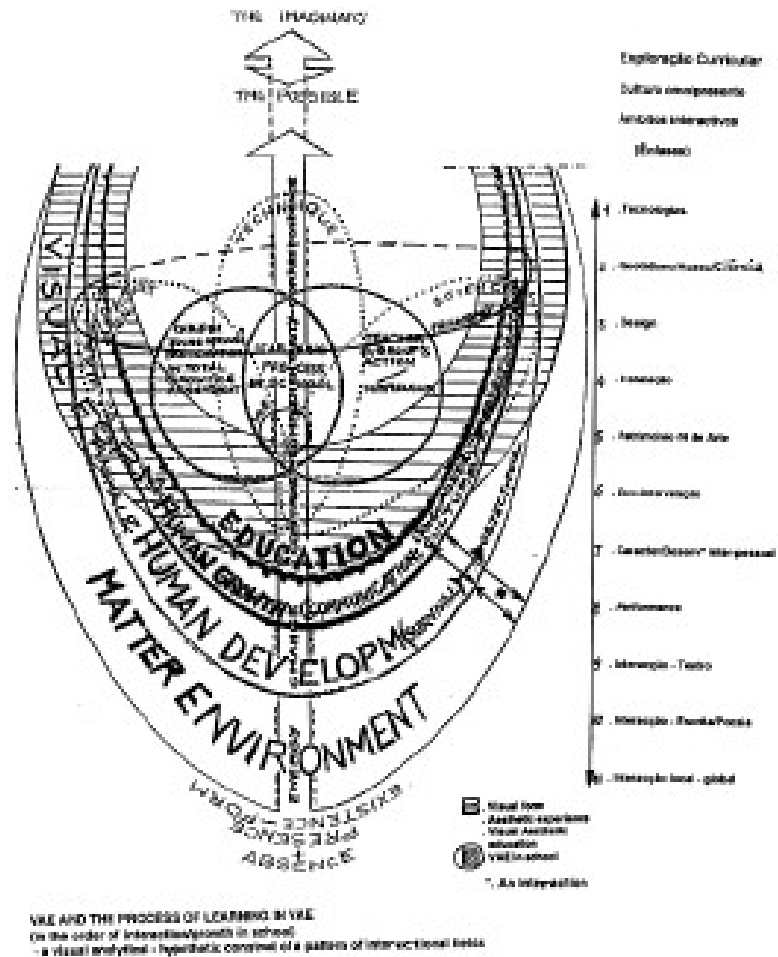


Figura 1. Construto da educação estética visual e do seu processo de aprendizagem (na ordem da interação/crescimento na escola) — construto visual analítico-hipotético de uma estrutura de âmbitos interactivos. Exploração curricular (cultura omnipresente). Âmbitos interactivos — (11) ênfases — Investigação de Projectos pelo final da Escolaridade obrigatória.

projecto (anos 70) e ao *projecto de trabalho* (anos 90). Notamos que se integram *aprendizagens* nos diversos componentes considerados no teste de Kolb, que Jean Berbaum (anos 90) aferiu (Oliveira, 2010: CD anexo 1.28): *Experiência concreta*, *Observação reflectida*; *Conceptualização abstracta* e *Experimentação activa*; acessíveis aos perfis de *acomodador*, *assimilador*, *convergente* ou *divergente*. Identificamos ênfases das explorações de aprendizagem (11, porque nos circunscrevemos a figuras de 11 tipos); mas a interacção e a especificação são abertas.

O construto da Figura 1 inclui âmbitos interactivos, sendo o mais vasto o do envolvimento material, onde se inscrevem o desenvolvimento humano (instrumental e comunicacional), com a linguagem / cultura especificada — arte, ciência, técnica, filosofia e educação; no centro está o processo de aprendizagem, na interacção professor-alunos, assinalando-se-lhe a *educação estética visual (VAE)*: é viabilizado pela energia de transformação que permite *fazer acontecer... o possível*, tendendo ao *imaginável*.

Da nossa investigação sobre os Programas de Educação Visual das reformas curriculares desde os anos 40, e dos Projectos do currículo *concretizado*, emergiram os 7 Períodos seguintes (recorde-se que Eisner — que trouxemos a uma Acção de Formação para professores e inspectores, na Fundação Gulbenkian com colaboração da DGES em Maio 1980 — acentuou também os currículos *oculto*, *subentendido*, e *omisso*, impedido de acontecer):

1.1 Período 1. (Desde 1936) 1947: PRÓ-IMAGINAÇÃO

Capacidades a desenvolver: Observar; reproduzir. NB: Só havia lugar para a imaginação ao preencher formas no desenho decorativo...

1.2 Período 2. 1948-1970 — EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE

Capacidades a desenvolver: Observar; reproduzir, criar. Betâmio de Almeida consegue a oficialização do Desenho Livre. Manuel M. Calvet de Magalhães preconiza o *Desenho subjectivo espontâneo*, dissemina os concursos *Natal* — e *Ponte* — *visto pelas crianças* e promove sessões culturais interdisciplinares. Datará de Viseu, 1913, com Almeida Moreira, a primeira interacção Escola-Museu (Oliveira, 2010: 105); e em 1953, J. Ribeiro Couto oferece cinema e Madalena Cabral guia visitas às crianças, no Museu nacional de Arte Antiga. Cecília Menano, desde 1949, abriu a Escolinha de Arte. Em 1957, a APEA (Associação Portuguesa de Educação através da Arte), com Artistas e Educadores relevantes na cultura portuguesa, assume o conceito de Herbert Read, de que a pessoa é essencialmente um artista, conceito impulsionado pela INSEA (International Society for Education through Art) (1951; reconhecimento UNESCO: 1955), pós-2ª Guerra Mundial. A ONU proclama a *Declaração dos Direitos da Criança*

em 1959-11-20 e a expressão artística infanto-juvenil é considerada factor de paz e esperança.

A FCG, oficializada em 1956-06-18, inicia a sua acção transformadora da cultura do país.

1.3 Período 3. 1970-1974 — FORMAL

Capacidades a desenvolver: Observar; reproduzir, criar; compreender valores estéticos; ver; criticar. Desde 1968 se afirma a influência do curso básico de arte, inglês, e da Bauhaus, levando a que o aluno componha o seu trabalho mas sendo a metodologia alheia à sua motivação.

1.4 Período 4. 1974 — 1975 — CULTURAL-COMUNICATIVO

Capacidades a desenvolver: *Educação visual*, aproximando programas do Preparatório, Liceal e Técnico. Com a revolução pacífica do 25 Abril 1974, a liberdade de expressão impulsiona as artes em geral e, em especial, o *cartoon*, a banda desenhada, o graffiti e a arte pública não oficial, o cartaz, o *fanzine*, o videograma, o cinema, as artes do espectáculo na rua e poesia e a canção; movimento cultural, popular, em que as Forças Armadas alfabetizam aldeias. Em 1972 o currículo de educação artística é concebido com os domínios *produtivo, crítico e cultural*, com *objectivos expressivos* (Eisner, 1972): consideramos que é já desde aqui que se afirma a *cultura visual* no currículo, internacionalmente e em Portugal, pela apreciação de Arte. E também em 1972, Arquimedes Silva Santos funda a Escola Superior de Educação pela Arte — pela integralidade das expressões em Educação, depois de ter criado no CIP-FCG a *Psicopedagogia da Expressão Artística*.

1.5 Período 5. 1975 — 1990 — INTEGRADO-ENVOLVIMENTALISTA

Capacidades a desenvolver: Ver, criar, comunicar, intervir (em Envolvimento e Interioridade humana). A ênfase das práticas passa de *exercício* para *trabalho de projecto*. Em 1977-1978 co-programámos *Arte/Design* — opção vocacional, 9º ano, sendo Betâmio o coordenador, com influência das experiências alemã (observada por Danilo Sobral); italiana, de Bruno Munari em especial; e de Inglaterra, onde Sá Nogueira fora bolseiro. A motivação é agora interaccional, entre os alunos (trabalho de equipa; teoricamente sendo revitalizados conceitos de Dewey de *aprender fazendo*, e já para o presente) e a valorização envolvente: o Ensino Secundário (1975-80) inclui um 12º ano de Serviço Cívico; notamos que remontam a Dezembro 1968 — Fevereiro 1972 as *Notas para um manifesto de arte ecológica*, de Alberto Carneiro, expostas em Serralves 2013. Joseph Beuys, no sentido de uma escultura social, já fala de *uma futura interpretação da cultura que tem de*



Figura 2. Tecnologias. Trabalho do curso de Operador Fotográfico. Prof Samuel Pinheiro. E. Sec. Seomara da Costa Primo, Amadora, 2010.

Figura 3. Tecnologias. Estudo de cor com materiais reciclados, Prof João Malhou. Esc. Sec. Ginestal Machado, Santarém, 2010.

nascera da arte (Oliveira, 2010: 41); e, se por um lado prossegue uma linha antroposófica — vinda de Rudolf Steiner (1861-1925), criador da pedagogia Waldorf que valoriza o *projecto de vida*, por outro lado cria *happenings*, *performances* e instalações, práticas só aparentemente aleatórias já iniciados por Alan Kaprow (1927-2006), as quais, com a *assemblage*, abrem campo a explorações escolares formativas e interativas. Este período integra a revolução tecnológica em Portugal: computador (1980; comercialização IBM 1984); telemóvel (CTT, final de anos 80); e internet (UL, anos 90). Desde 1988, a APECV amplia a intercomunicação e formação dos Professores de Educação Visual. O diálogo com a Arte Educação do Brasil, vem da Escolinha de Arte de Augusto Rodrigues, 1948; e desde o Congresso Mundial INSEA, Rio de Janeiro 1984, destaca-se Ana Mae Barbosa.

1.6 Período 6. 1990 — 2001/04 — FUNCIONAL — TECNOLÓGICO

Capacidades a desenvolver: Ver, criar/comunicar, intervir, com mediatização tecnológica. A ênfase das práticas passa de *trabalho de projecto* a *projecto de trabalho*. Acentua-se a integração tecnológica, a internet ampliando a pesquisa cultural e a comunicação, para a escala global; esta acentua-se com as Feiras Universais *Sevilha '92* e *Lisboa '98*. Ao nível do 2º Ciclo, funciona a *Educação Visual e Tecnológica*, com um par pedagógico de Educação Visual e Tecnologias — falsa área, a nosso ver —, só re-programada em 2012.

1.7 Período 7. 2001/04 — INTERACIONAL ECO-TECNOLÓGICO

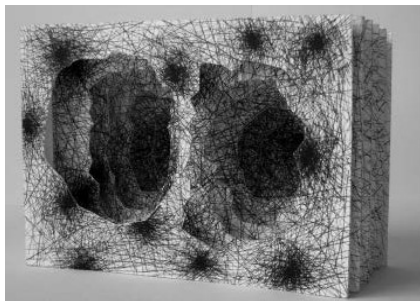


Figura 4. Quotidiano / Acaso / Ciência. *Movimento e Tempo*. Prof. Sara Velasco. Esc. Sec. António Arroio, Lisboa, 2008/09.

Figura 5. Quotidiano / Acaso / Ciência. *Imagem e Imaginação* — Colagem. Prof Diogo Félix, Esc. Sec Seomara da Costa Primo, Amadora, 1997.

Figura 6. Património / História de Arte. A, Moda em papel (da cabeleira ao sapato) inspirada em obras de 17 arquitectos de 14 nacionalidades. Prof João Malhou. 56 alunos, 11º e 12º Aºs de Artes Visuais, E Sec Ginestal Machado, Santarém, '13. Desfile no restaurado Convº de S Francisco. (Assistª de 2500 Encºs de Edº e famílias, a desfiles anteriores, reciclando tafetá e plásticos).

Figura 7. Eco-Intervenção. *O velho triste da mala. '77/'78, Arte/Design 9º Aº*. Prof Elisabete Oliveira. Foto de exposição FCG, '94, com o autor, António Loureiro. Fontes: A. Professor respectivo.— Serviço Educativo. C. Própria.

Capacidades a desenvolver: Literacia: Artes-linguagens/contexto; expressão/comunicação/criatividade. A interacção global em Arte Educação dinamiza um *Mapa* e a sua *rede* (1ª e 2ª Conferências Mundiais Educação Artística, UNESCO, Lisboa 2006 e Seul, 2010). E a APECV 2008, cria a *riaea@yahogroups.com* da Península, América Latina (e PALOPs). Mas além da *rede*, crescer-se-á em *rizoma* — sistema aberto, de reenraizamentos autónomos e comunicantes (Deleuze & Guattari, sd).

2. Tipologia dos âmbitos interactivos nos projectos do Exploratório presente

Abordaremos o Período aproximado da última década, tipificando os projectos emergentes: não se trata de reportar estatisticamente o que se está praticando nas escolas portuguesas mas sim de investigar os projectos em que, à luz do referencial do Exploratório-Piloto anterior, detectamos energia inovadora (Figuras 2 a 12).

A alta qualidade que julgamos ter captado de norte a sul do país, mostra-nos que o professor competente / criador consegue orientar os alunos para experiências que atingem as três dimensões-funções atrás enunciadas, não só enfrentando os constrangimentos conjunturais mas eco-compatibilizando-se para a qualificação do viver. Limitar-nos-emos, após as 11 categorias tipificadas com trabalhos deste Exploratório, a uma reflexão sintética sobre essas experiências e as suas implicações, não incluindo aqui Projectos apresentados nos Congressos *Matéria Prima I e II* (Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa), que ficarão para futura análise mais aprofundada.

A Figura 6 é exemplo de serendipidade: ao criar uma personagem com desperdícios numa só aula, o Autor vislumbrou a transposição de forma-função do enrolador de fita-cola plástico para pernas-pés de suporte da figura... O nosso *follow-up* deve-se a considerarmos que a *energía* sugestiva deste trabalho ao longo de décadas, será útil no presente Congresso; e deverá perdurar como património imaterial da arte educação em Portugal — englobável no exploratório de pioneiros históricos e emergentes. Na reflexão sobre os Projectos focados, confirma-se a acentuação *Interaccional-Eco-Tecnológica* com que caracterizámos o presente (sétimo) Período curricular. Cada Projecto responde a uma combinatória de indissociáveis necessidades *do fazer acontecer*. Se tal alcance é possível — implicando as 3 dimensões / 3 funções inicialmente identificadas, a Unidade Didática não deve ser redutoramente limitada a *exercícios*, ou *trabalho de projecto* prescrito, devendo atingir o *projecto de trabalho* a partir dos alunos; mas garantindo que é adquirida a competência programada para cada nível escolar. Pode um Programa ser vasto mas, com a interacção reconhecida, o Projecto pode responder a uma simultaneidade de objectivos; e se nem todos os alunos puderem participar em todas as modalidades, a comparticipação na experiência e apreciação partilhada dos trabalhos resultantes serão cruciais para a *auto-eco-compatibilização*

dos avanços de todos, apurando o sentido crítico, a democraticidade da intervenção e a construção de critérios de qualidade. O planeamento da Unidade Didática incluirá esta *avaliação formativa sumativa* (após a *avaliação formativa contínua*, ao longo dos trabalhos) e a disseminação (local / global); e ainda um brevíssimo duplo questionário anónimo / codificado aos alunos, não sobre se *gostaram* da experiência, mas sobre o que terão avançado para melhor acção do Professor.

As teorias de sustentação das práticas educacionais em Educação Visual tipificadas (das mais inovadoras na contemporaneidade), e do nosso reconhecimento (ancorado em investigação-acção) da necessidade da auto-eco-compatibilização, em actualização contínua — resposta à emergência quer quanto ao envolvimento quer quanto ao modo de inter-aprendizagem — radicam em conceitos-acção verificada, dos quais destacamos:

1. Psico-sociologicamente: — *diálogo e empatia* (Rogers, 1999) *complexidade* da interacção de tudo com tudo — em diálogo, recursividade e hologramaticidade — (Morin, 1990); *inteligencia colectiva* na *sociedade do conhecimento* (Levy, 1994); *dinâmica da mudança de hábitos* (Santos, 1994); *interterritorialidade e hipertexto* (Barbosa & Amaral, 2008);
2. Em Consciência, Aprendizagem, Autonomia e Criatividade: *consciência da qualia*, que identificamos com *carácter, qualidade primeira*, desde os *Collected Papers* de Charles Peirce, 1958, que já Betâmio reflectia (Damasio, 2010); modalidades de inteligência oito (Gardner, 1996), que o autor nos disse não ser dado adquirido que a melhoria numa, melhore as outras — após referirmos que investigáramos que as melhorias em *Expressão-não-condicionada* e *História de Arte* são significativamente associáveis, mas não com a de *design* —; *projecto de vida* no processo de aprendizagem (Berbaum, 1996); *fluir* do acto criador (Csikszentmihalyi, 1998);
3. Em Estética e intervenção do Professor (Parsons, 1999 in: Fróis, 2000; Nóvoa, 2002; Perrenoud, 1996).
4. NOS QUESTIONAMENTOS MAIS PREMENTES, que estão subjacentes às obras da Tipologia 2), mais abertas ao acaso — ou *ordem caótica?* — da colagem ao desenho apoiado informaticamente: a *Floresta Imaginária* — (2º ano, 2008) — é formalmente próxima das *Fractal Flowers* de Miguel Chevalier, 2009 — Expo *Arte e Ciência*, 2009 — Ano da Criatividade).

Interrogamo-nos sobre:

1. O sentido (Deleuze, 1969);
2. O *teleantropos* (Pimenta, 1999);



Figura 8. Caracter / Desenvolvimento inter-pessoal Painel da E Sec de Valbom, 2007/08, Implantação 2012. Coord Prof Cristina Pinto.

Figura 9. Performance. Prof Teresa d' Eça. E Sec Alves Martins, Viseu, em desenho, alunos de 16-18 anos., Novº 2011. Síntese da referência pela Prof: Tópico lançado pela associação activista local, Adamastor: *Violência contra as mulheres e solidariedade para com as mulheres do Afeganistão, privadas do direito de voto.* 8 alunos voluntariaram e, na Praça principal, com a colaboração de artistas e transeuntes, pintaram um painel colectivo — *Sem mulheres não há paz.* 1 semana após, os voluntários fizeram graffitis no local da feira semanal, para maior consciencialização da cidade sobre o problema.



Figura 10. Interação Teatro Máscaras venezianas inspiradas na Comedia dell' Arte e em Pintores escolhidos; exposição com os alunos trajados à veneziana. Prof João Malhou. E Sec Ginestal Machado, Santarém.

Figura 11. Interação Escrita/Poesia. "Projecto 10x10," Fundação Gulbenkian, 2013: Apresentação no Colégio Sta. Doroteia: *Posso escrever sobre mim?* Coord da Prof. Maria Bárcia, de Português (Escola Secundária Padre António Vieira) e Maria Gil, atriz: interação com a Expressão Visual nas auto-fotos e desenhos de cada um e nos apontamentos do envolvimento. Fonte: Própria.

Figura 12. Interação local — global. *UISAP: Spaces and Places* — Prémio Modern Tate Gallery, UK: 259 Desenhos, 5º e 6º anos, num velho autocarro, IEJ — Instº Educativo do Tojal, Porto de Mós. Profs. A. Cardoso, A Sousa, M Caetano e Rui Leitão, 2009.

3. O lugar da criação humana em Arte: para além das teorias sobre o *caos* e os *fractals*, na *ordem* do envolvimento: o *Manifesto de Istanbul* (Moura e Pereira, 2011) enunciando: *The great artist of tomorrow will not be human*; e na Exposição *Evolution*, CCB 2013, aos seus robots *poeta*, *pintor* e *actor*, Leonel Moura acrescentou esculturas por impressora 3D, a partir de algoritmo computadorizado. O *Projecto 10x10-FCG*, 2013, já apresentou experiências escolares ligadas à robótica, que não abordámos por a acentuação não ser visual.
4. A acção do professor, na urgência, na mudança veloz (Perrenoud, 2006), (Rancière, 2010).

É esta atitude de questionamento do professor, em auto-eco-compatibilização contínua com a mudança, que motive os alunos para assumirem o processo criativo evoluindo rizomaticamente para a autonomia, socio-culturalmente activos, que parece abrir caminho no desconhecido; e, como propôs Berbaum, “tornar o organismo em que se actue numa *organização aprendente*, que deverá ser a forma da empresa do futuro” (Berbaum, 1996).

Conclusão

Esperamos ter demonstrado a excelência atingida pelas Práticas de Educação Estética Visual integrando a actualidade cultural em Portugal; e a pertinência e vitalidade do EXPLORATÓRIO, referencial que permite uma auto-eco-compatibilização — que deverá assumir dimensão internacional —, para a valorização mútua das práticas e investigação-acção partilhadas, incrementando a qualidade do Currículo e da Formação de Mestres/Professores; e ser memória do Património da criação escolar em AE, na Cultura imaterial nacional/global. Além do prosseguimento da colaboração de escolas e centro culturais, apelamos à parceria de Colegas de outros países; e propomos a formalização dos projectos mais inovadores e seu processo (incluindo disseminação), numa Ficha (Figura 12) e a partilha da sua investigação, visando edição sistemática em CD.

Referências

- Barbosa, A. e Amaral, L. (Coord), (2008). *Interterritorialidade. Mídias, contexto e educação*. S Paulo: SESC.
- Berbaum, J. (1996). "Apprendre à apprendre". In: *Sciences Humaines*. Hors-Série N° 12- Février-Mars
- Csikszentmihaly, M. (1998). *Creatividad. El fluir y la psicología del descubrimiento y la invención*. Barcelona: Ediciones Paidós Iberica. S. A.
- Damáσιο, A. (2010). *O livro da Consciência. A construção do cérebro consciente*. Lisboa: Círculo de Leitores
- Deleuze, G. (1969). *Logique du sens*. Paris, Les Éditions de Minuit
- Deleuze, G. e Guattari, F. (s/ d). http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/
- Eisner, E. (1972). *Educating Artistic Vision*. N. York. MacMillan Publishing Co Inc.
- Gardner, H. (1996). *Mentes que criam*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Levy, P. (1994). *L' Intelligence collective. Pour une anthropologie du cyberspace*. Paris: Éditions La Découverte
- Morin, E. (1990). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Moura, L e Pereira, H. (2011). April 7th 2011. Istanbul, Galata Perform.
- Nóvoa, A. (2002). *Formação de Professores e Trabalho Pedagógico*. Lisboa: EDUCA
- Oliveira, E. (2010). *Educação Estética Visual Eco-necessária na Adolescência*. [livro+ CD ROM]. 330 pp + 770 pp. Coimbra: Minerva.
- Parsons, M. (1999). "Dos Repositórios às Ferramentas. Ideias como Ferramentas para a compreensão das Obras de Arte." In: Fróis, J. (Coord.) (2000). *Educação Estética e Artística. Abordagens Transdisciplinares*. Lisboa: FCG.
- Perrenoud, P. (1996). *Enseigner, agir dans l'urgence, décider dans l'incertitude*. Paris: ESF Éditeur
- Pimenta, E. (1999). *Teleantropos*. Lisboa: Estampa
- Rancière, J. (2010). *O Mestre Ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Mangualde: Edições Pedagogo Lda
- Rogers, C. (1979). *Tornar-se Pessoa*. Lisboa: Moraes Editora
- Santos, B. (1994). *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. Porto: Edições Afrontamento

Contactar a autora: elisabeteo@netcabo.pt